



"CAÇADORES DE AVENTURAS": MENINOS E MENINAS INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA¹

Gisele Massola²

*Vamos brincar de índio (...)
Pego meu arco e flecha
Minha canoa e vou pescar
Vamos fazer fogueira e
Comer do fruto que a terra dá*

O excerto da canção “Brincar de Índio”, interpretada por uma conhecida apresentadora de programas infantis, é destacado no início deste texto pois sintetiza, de certo modo, alguns elementos que compõem o estereótipo de índio, reinventado em diferentes artefatos culturais, como, por exemplo, os livros didáticos, as ilustrações de revistas e jornais, os desenhos animados, as histórias em quadrinhos e livros de literatura infantil.

Este trabalho, desenvolvido na perspectiva dos Estudos Culturais, tem como objetivo analisar como são constituídos e apresentados os personagens indígenas em textos literários brasileiros destinados a crianças. Observa-se, de modo especial, as formas como são descritas e caracterizadas as crianças que protagonizam estas histórias, bem como os marcadores de gênero que se imprimem em seus corpos e em suas condutas. O material analisado consistiu em 13 livros de literatura infantil, sendo quatro deles de autoria indígena.

Kabá Darebu, escrito por Daniel Munduruku, é uma narrativa que mescla poesias e ilustrações para contar a história de um menino do povo Munduruku. Nela se descreve “o jeito de ser” deste povo: onde vivem, as atividades desempenhadas pelos homens e aquelas atribuídas as mulheres, como se dá a escolha dos nomes das crianças quando nascem, entre outras.

Caçadores de Aventuras, também de Daniel Munduruku, conta a história de cinco curumins (Karu, Kaxi, Biõ, Tonhõ e Bempô) que se aventuram na floresta à noite e se deparam com diferentes situações que exige deles destrezas de adulto. Ao retornarem a aldeia os meninos descobrem que essa aventura faz parte de um ritual de passagem de seu povo.

¹Este texto vincula-se ao Projeto de Pesquisa “Os Povos indígenas como personagens e autores da literatura que chega às escolas”, coordenado pela Professora Iara Tatiana Bonin e apoiado pela FAPERGS, em realização no Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA-Canoas.

² Licenciada em História e Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), Professora do Curso de Ciências Sociais (EAD) da Ulbra e da Unidade de Ensino Fundamental São Marcos (Ulbra). Pesquisadora e colaboradora do projeto, em andamento do PPGEDU-Ulbra sob orientação da professora Iara Tatiana Bonin. Email: giselemassola@gmail.com



Iarandu: o cão falante, de Olívio Jekupé trata da amizade entre Popygua um menino guarani e seu cão, que guarda um segredo: é capaz de falar e de compreender o que dizem os humanos. O cão passou a acompanhar o indiozinho tanto em suas atividades diárias na aldeia quanto na escola, aprendendo também a ler.

O caso da cobra que foi pega pelos pés, de Wasiry Guará; narra a história da primeira caçada de Kurumi, um menino do povo Maraguá e, no desenrolar da trama, ele recebe orientação de seu pai e aprende a explorar a floresta.

O menino e o jacaré, de Marie-Thérèse Kowalczyk (Maté) tem como protagonista um menino chamado Nuati, “um indiozinho que costumava zombar de um jacaré-açu e que acabou se metendo em apuros...”, conforme o paratexto da obra. O livro é uma adaptação de um mito do povo Kaiapó.

Meu amigo indiozinho de Luiz Antonio Aguiar narra a história de um grupo de meninos indígenas matriculados para estudar em uma escola não indígena e, neste contexto, “a presença dos novos alunos perturba muitas pessoas. Mas, também, encanta e seduz o jovem narrador”.

Cacuí: o curumim encantado, de Daniel Arrabal conta a história de Cacuí, um menino que nasceu de um grande ovo azul e se tornou motivo de discórdia e inveja por parte daqueles que temiam perder sua posição hierárquica dentro do povo.

Subida pro céu: mito dos índios Bororo, de Ciça Fittipaldi, traz a história de um menino Bororo que, escondendo-se, segue o grupo de mulheres de sua aldeia pela mata e descobre que elas vão para um grande milharal preparar mingau e canjica. Essa obra apresenta uma das práticas do povo bororo para marcar o momento em que “os meninos são separados de suas mães para entrarem no círculo de atividades masculinas”

Aritana, o índio que foi à lua, de autoria de Ulisses Tavares, narra a aventura de um menino Guarani que, ao explorar a mata próxima de onde vive, encontrou um grande foguete. Assim, ele inicia uma viagem, a bordo da astronave, em direção à lua, pilotando a máquina com ajuda de técnicos e pesquisadores. O menino acreditava ter realizado um vôo e descoberto outro planeta, entretanto, ao explorar esse local supostamente desconhecido, descobre que havia realizado vôo em curva e estava do outro lado da floresta em que morava.

Menino Poti, de Ana Maria Machado e Claudius, narra a trajetória de um menino, dando ênfase para o local onde vive, as vestimentas e adereços que utiliza, os lugares por onde anda na mata, os animais que encontra e seu modo de conviver com eles.



Curupira, de Marcia Meyer Guimarães, apresenta-nos “um menino peludo de olhos vermelhos e pés virados para trás”, que habita as florestas e protege os animais, permitindo apenas a caça quando esta serve de alimento para os homens. Curupira conhece o menino Curumim, que lhe ajuda a assustar um caçador e a manter a floresta e sua aldeia protegidas.

Você viu meu pai por aí? obra de Charles Kiefer, conta a história de José, morador de uma reserva indígena. Para encontrar o pai, José perambula pela cidade e, após passar por diferentes situações, encontra seu pai bêbado e caído na rua de uma favela. Retornando para a aldeia, Gabriel confia ao filho seu sentimento de vergonha por ter perdido o processo na justiça de posse das terras aonde seu povo mora.

O presente do Pajé, de Solange Cianni, conta as aventuras e brincadeiras da menina Uarimo com seu avô, um importante pajé. Na história a menina aprende como lidar com as ervas, a cantar, a nadar e tomar banho no rio e a tocar tambor. Depois de sair para uma das caminhadas que realizava pela mata, o pajé não retornou e, após alguns dias, a menina encontra no rio o cajado do avô, enviado a ela como um presente, para que possa dar continuidade ao seu aprendizado.

Pois bem, este conjunto de obras é aqui analisado considerando-se o enredo, os personagens e o desfecho das histórias. Além disso, leva-se em conta os textos e ilustrações, uma vez que, de acordo com Colomer (2004) a literatura infantil se produz na mescla entre imagens e palavras. Neste sentido, as imagens não são tomadas apenas por seus aspectos estéticos ou ilustrativos, mas como parte das narrativas – elas também marcam, descrevem e posicionam os personagens das histórias.

Apresento a seguir alguns aspectos teóricos, relacionados à perspectiva de gênero, enfatizando as produções relacionadas a masculinidade, uma vez que os personagens das obras analisadas são, em grande maioria, meninos. Também nesta parte do texto apresento alguns estudos nos quais se analisam obras literárias voltadas para a vida dos povos indígenas.

Considerações sobre gênero e produção de masculinidades

O entendimento de gênero, neste texto, vincula-se às discussões e problematizações que vêm sendo produzidas a partir da articulação entre os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero em uma perspectiva pós-estruturalista. Nesta direção, entende-se que nossas identidades são forjadas em práticas culturais específicas, e são, por conseguinte, transitórias, múltiplas, formadas e construídas no interior de relações de poder e em políticas representacionais. Gênero, como categoria da análise, fornece possibilidades para o exame de artefatos como as obras de literatura infantil, as



revistas, as histórias em quadrinhos, o cinema, entre outros, que colaboram para estabelecer perfis desejáveis e práticas tidas como adequadas para meninos e meninas.

Considero, de modo especial, os estudos de gênero de autores como Joan Scott (1995), Guacira Louro (2007), Robert Connell (1995) e Celso Vitelli (2008), pois eles colaboram para pensar as construções em torno da masculinidade, foco deste texto. Interessa-me refletir, em um conjunto de obras de literatura infantil, algumas questões que se referem a gênero, e que se delineiam em distintos espaços, posicionando e definindo condutas, sentimentos, formas de expressões e estilos tidos como “apropriados” para marcar as posições masculinas.

Para esses autores, as relações de gênero são estabelecidas a partir de circunstâncias sociais e históricas não sendo dadas por diferenciações (ou distinções) que não são apenas biológicas, ou seja, o masculino e o feminino são “construções culturais” (SCOTT, 1995, p. 75). Para a autora, gênero deve ser refletido como uma categoria analítica que posiciona os sujeitos (homens ou mulheres) a partir dos lugares que ocupam socialmente e não pelos traços biológicos ou pelos papéis que lhes são conferidos.

Tais posicionamentos corporificam representações de masculinidade e estabelecem ações desejáveis, capturando uma considerável parcela dos jovens, meninos, que internalizam essas normas, procurando distanciar-se de ações que remetam a feminilidade. Refletindo sobre essas questões Connell (1995) afirma que

a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades”³

Partindo destes entendimentos acerca de masculinidades, Vitelli (2007) discute os modos pelos quais se forjam identidades masculinas, e mostra que existem certas representações hegemônicas que normalizam condutas atribuídas cultural e socialmente aos sujeitos (neste caso, os homens). Tal construção do masculino, bem como as variadas formas como são representados os homens (em diferentes idades), está presente em diferentes âmbitos das relações e práticas cotidianas. De acordo com o autor “trata-se de perceber que num gesto, num modo de vestir-se, de caminhar, estão presentes certas aquisições sociais” (p. 112).

As considerações feitas por este autor permitem dizer que, na atualidade, as formas de masculinidade são múltiplas e não se poderia, portanto, pensar que o masculino se define por um único padrão, capaz de abarcar todas as formas de expressão possíveis. O autor destaca, por

³ CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n.º. 20, vol. 2, jul./dez. 1995, p. 188



exemplo, como expressões de outras masculinidades, as identidades de *metrossexuais* (homens que apresentam preocupações estéticas, que investem nas formas de seus corpos, no uso de tinturas para cabelos, tratamentos de pele, preparo físico, entre outras) ou ainda, as identidades de *emoboy*s (homens heterossexuais que manifestam abertamente seus sentimentos e fragilidades). Nos dois casos, “a sensibilidade agora fabricada parece não comprometer a virilidade” (VITELLI, 2007, p. 115) assim como demonstram outras maneiras de se pensar e viver masculinidades num mesmo contexto social.

É importante trazer, ainda, no contexto deste estudo, as teorizações que vem sendo construídas em torno das representações indígenas em obras de literatura. Nessa perspectiva trago alguns destaques de estudos realizados por Bonin (2008 e 2010). Para composição do *corpus* analítico de suas pesquisas, a autora reuniu um conjunto de obras de literatura infantil e juvenil – produzidas tanto por autores indígenas quanto por autores não-indígenas – lançando olhares para as narrativas textuais, para as imagens, para as formas de narrar e de caracterizar os personagens, seus adereços, suas formas de agir, bem como os cenários nos quais eles são apresentados. O objetivo da autora, em tais estudos, era problematizar certas representações que constituem e posicionam os povos indígenas na condição de “diferentes” (o que pressupõe que eles sejam posicionados em relação a uma identidade referencial), e que se estabelecem a partir de alguns estereótipos.

Bonin (2008) analisa, em um de seus textos, seis das trinta e nove obras adquiridas e distribuídas pelo PNBE (Plano Nacional Biblioteca na Escola) para as escolas da rede pública, entre os anos de 1999 a 2006 cuja temática central envolve protagonistas ou enredos em ambientes tidos como indígenas. A autora dividiu as obras de duas formas: aquelas produzidas por autores não-índios e as de autores indígenas. Isso porque, de acordo com ela, “essas diferentes condições de produção dos textos marcam as obras, uma vez que as preocupações e os interesses são diversos, bem como os efeitos produzidos pelas narrativas que aí ganham contornos” (p. 124).

Uma das considerações feitas pela autora é a recorrência de ilustrações, textos e diálogos que reforçam determinadas representações do modo de ser indígena tais como: habitantes da mata, zelosos e cuidadosos com a natureza, praticantes de magia e pouco racionais nas formas de explicar certos fenômenos. A autora enfatiza ainda que, nas obras analisadas, “as histórias confirmam e colaboram para fixar sentidos que aprendemos a reconhecer como próprias dos índios” e que também circulam e se produzem em diferentes artefatos culturais.

Em outro estudo, Bonin (2010), examinou doze livros de literatura infantil, produzidas na última década, sendo todas de autoria indígena. Observando as imagens e os textos, ela discute as



formas como tais obras narram à vida indígena. Para a autora nestas obras também se verificam certos entrelaçamentos entre índios e natureza, que permeiam a maior parte das obras escritas por autores não indígenas. De algum modo, ao dar relevo, por exemplo, às habilidades dos povos indígenas em entender a linguagem da mata e dos animais, tais narrativas também aproximam esses sujeitos da natureza, e fixam ali a sua existência. Nesta direção, os protagonistas indígenas são apresentados, nestas obras, por meio de atributos que os posicionam como “ativos, aventureiros, curiosos, corajosos, atentos e capazes de decifrar sinais da natureza” (BONIN, 2010, p. 6). Por outro lado, conforme salienta a autora, as narrativas produzidas nestes materiais “parecem ampliar o leque de significados, ainda que, em alguns casos, sirvam para confirmar representações naturalizadas em outras obras produzidas sobre eles” (*Idem*, p. 10).

Passo agora a discutir alguns elementos relevantes das treze obras selecionadas para este texto, prestando especial atenção às características e atributos de gênero que servem para marcar os protagonistas dessas narrativas. Mostro, a partir de agora, como tais histórias constituem formas de ser menino ou, ainda, de constituir masculinidades, em contextos culturais distintos.

Breve olhar para as representações dos personagens indígenas

Observando o conjunto de obras que abordam a temática indígena, um aspecto interessante a destacar é a forma de caracterização das personagens centrais, feita através de descrições e figuras ilustrativas que, em geral, lança mão de estereótipos. Tais representações se materializam nos corpos, através de certos traços característicos (cabelos lisos, pretos, olhos amendoados, vestimentas como tangas, adereços feitos com penas de aves, fibras, sementes; utensílios como arcos e flechas, pinturas corporais, entre outros) que os posicionam como pertencentes ao âmbito da natureza, vivendo em harmonia com ela e utilizando seus recursos para a sobrevivência. Neste sentido, destacam-se, nas narrativas analisadas, atividades masculinas como a caça e a pesca.

Em *O caso da cobra que foi pega pelos pés*, por exemplo, ao descrever uma das ações de *Kurumi*, o narrador enfatiza algumas marcas corporais e utensílios utilizados para desempenhar as atividades do dia a dia: “passou uruku no corpo e no rosto, sumiu no mutá, preparou o arco e flechas, e esperou (p.12). Em *Caçadores de Aventuras* os textos imagéticos ressaltam o porte de objetos que identificam os meninos como sendo indígenas, como no exemplo: “logo após o almoço, os cinco curumins se encontraram no local combinado. Traziam facão, arco e flecha, que eram muito úteis na floresta” (p. 21).



Já na obra *Você viu meu pai por aí?* parece haver um deslocamento nestas representações estereotipadas, quando se demonstra que existe uma variedade de formas de ser índio e que eles podem viver em diferentes lugares, podem também freqüentando escolas ou circular em espaços urbanos.

- *Sou, sou índio. Nasci na Reserva de Inhamitanga. Meu pai é índio, minha mãe é índia, meus irmãos são índios.*
- *Ah, então tu é um índio fajuto... Terminei de comer, me levantei. Senti vontade de me atracar com ele, fazer o cara-de-chupim engolir o desaforo. Índio fajuto era a avó!*
- *Índio de verdade anda pelado, peladinho da silva - ele continuou, levantando também*⁴

Note-se que, em alguns casos, a própria narrativa coloca em questão os estereótipos, e pode-se destacar como exemplo uma passagem, da obra *Meu amigo indiozinho*:

O locutor narrou empolgado:

- Lá vai Índio na esquerda do ataque...

E meu pai falou, implicante:

*- Tá vendo? Índio que chega nos lugares nem precisa de nome. É sempre índio. Quem é que vai querer saber o nome dele? Ei, índio! Cai fora, índio!*⁵

Outro aspecto observado, e que se relaciona ao gênero, são as recorrências que identificam os personagens meninos por meio de atributos vinculados à masculinidade: espírito aventureiro, destemido, inquieto, curioso, corajoso, aspectos que se expressam nas ações fora da aldeia. Trago alguns exemplos que evidenciam tais descrições: na obra *Cacuí: o curumim encantado* o narrador afirma que “*Por Sumé foi instruído nas artes de paz e guerra. O curumim se tornando um valente entre os valentes. Também se mostrando sábio, apesar da pouca idade*” (p. 24). Já em *Caçadores de Aventuras* evidencia-se a virilidade e o espírito aventureiro dos meninos, diante da floresta perigosa:

Mas vamos passar a noite aqui neste lugar escuro? – choramingou o pequeno Biõ. Acho que não temos outra saída – disse Kaxi.

*– Vamos ter de enfrentar os perigos da noite. Agora é hora de mostrar que somos fortes e corajosos. Nossos pais ficarão orgulhosos de nós*⁶

No livro *O caso da cobra que foi pega pelos pés* a narrativa dá relevo às práticas de um indiozinho que, após receber ensinamentos para sobreviver e alimentar-se dos recursos oferecidos pela natureza, enfrenta os perigos de forma astuta e valente. “*Kurumi fez onze anos. Sentiu-se pronto para provar ser um grande caçador. Disse aos pais que traria o jantar daquele dia. Mas queria ir sozinho*” (p.10).

Considerando que gênero é uma categoria relacional, conforme ensina Louro (2007) penso ser relevante observar o modo como se estabelecem, nestas obras, distinções entre os lugares sociais

⁴ KIEFER, Charles. *Você viu meu pai por aí?* Ilustrações Maurício Veneza. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.17

⁵ AGUIAR, Luiz Antonio. *Meu amigo indiozinho*. Ilustrações Fernando Vilela. São Paulo: Biruta, 2008, p. 18

⁶ MUNDURUKU, Daniel. *Caçadores de aventuras*. Ilustrações Inez Martins. São Paulo: Editora Caramelo, 2006, p. 8



femininos e masculinos pois, desse modo, se define um campo de ação possível para meninos e meninas indígenas, protagonistas dessas narrativas. Os excertos a seguir dão destaque a esses lugares sociais supostamente desejáveis. Em *Kabá Darebu*, por exemplo, o narrador ao apresentar as personagens, indica quais são suas funções da seguinte forma: “*mamãe está sempre comigo: brincando, trabalhando na roça, tomando banho... E quando papai chega da caça ou da pesca eu corro logo para o colo dele... Enquanto isso mamãe tá fazendo a comida*” (p. 6-7).

Nesse mesmo contexto, no livro “*Caçadores de Aventura*”, pode-se observar em uma das ilustrações cenas de atividades cotidianas onde os lugares femininos e masculinos aparecem bem definidos. Na imagem, nota-se em destaque, ao centro, uma figura masculina de guerreiro marcado por um corpo robusto, de expressão imponente, olhar fixo, cabeça erguida, adornado com penas, empunhando uma lança. A sua direita, aparecem posicionados outros quatro guerreiros com características e traços semelhantes ao primeiro; já à esquerda estão posicionadas duas mulheres de vestidos, olhares distantes, cabisbaixas, uma delas com criança no colo e a outra com dois menininhos a sua volta.

Tais descrições aproximam-se das reflexões propostas por Louro (2007), para quem as relações de gênero devem ser pensadas levando-se em conta as diferenças estabelecidas em relações de poder.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico⁷

Nesse sentido, é relevante considerar os discursos que dão sentido e que diferenciam meninos e meninas nas histórias infantis, escapando ao risco de pensar como sendo naturais certas imagens que construímos, e certas representações que, de modo difuso, definem como apropriados ou não certos comportamentos, vestimentas, formas do corpo, modos de relacionar-se, tanto para homens quanto para mulheres.

Um último aspecto analisado neste trabalho são as relações entre crianças e adultos, em especial a forma como estes últimos são posicionados nas narrativas – ensinando, orientando ou simplesmente observando as cenas protagonizadas pelos pequenos. As figuras masculinas são, com frequência, aquelas que aparecem nestas histórias para conduzir, orientar e ensinar, principalmente quando as ações acontecem fora dos limites da aldeia – espaço de convívio coletivo. As mulheres,

⁷ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007, p. 21



por sua vez, aparecem vinculadas aos ensinamentos de ações que acontecem dentro de ambientes domésticos, em especial os trabalhos vinculados ao preparo de alimentos.

Destaco a seguir dois excertos que exemplificam tais apontamentos: no primeiro, extraído da obra “*Curupira*”, os ensinamentos são dados pelo pai, que ensina seu filho sobre as formas de proceder na mata e alerta sobre os perigos aos quais estará exposto lá. Já segundo, retirado do livro “*O caso da cobra que foi pega pelos pés*” o menino solicita orientações ao pajé para saber como agir ao aventurar-se na floresta. “*Ajude-nos, Pajé – falou Kurumi. Procure dentro de você a resposta. Use de sua esperteza. Seu espírito forte falará com a natureza*” (p.9).

Interessante registrar novamente que, na maior parte das obras analisadas, as histórias são protagonizadas por personagens meninos. Em uma delas (*O presente do pajé*) a personagem central é Uarimo, uma menina que aprende com seu avô as artes rituais. Vale observar, no entanto, que os atributos pelos quais ela é narrada a aproximam, e muito, daquilo que constitui, em geral, o “universo masculino” – ela é curiosa, aventureira, aprendendo práticas de pajelança, lidando com ervas, entoando cantos sagrados. Ao final, ela se torna também pajé – e este é um lugar social reservado, na grande maioria dos povos indígenas, aos homens.

Para finalizar esta análise, destaca-se que as imagens de meninos são múltiplas, mas há regularidades na caracterização dos personagens, nos elementos utilizados para marcar a etnicidade, e em certos atributos que, de modo naturalizado, aprendemos a pensar como sendo “próprios” de crianças do sexo masculino. Ressalta-se, então, a importância de se problematizar certos significados que se constituem na cultura, em distintas práticas representacionais, e que posicionam meninos e meninas, homens e mulheres, índios e não-índios. Um olhar crítico sobre as produções culturais de nosso tempo pode ampliar o espectro a partir do qual se produzem imagens generificadas e, neste caso, marcadas também por atributos étnicos.

Bibliografia

AGUIAR, Luiz Antonio. *Meu amigo indiozinho*. Ilustrações Fernando Vilela. São Paulo: Biruta, 2008.

ARRABAL, José. *Cacuí: o curumim encantado*. Ilustrações Daniel Araujo. São Paulo: Paulinas, 2006.

BONIN, Iara Tatiana. Com quais palavras se narra a vida indígena na literatura infanto-juvenil que chega às escolas? In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (Org.). *Estudos culturais para professor@s*. Canoas: Editora da Ulbra, 2008, p. 115 – 133.



- _____. *Leituras da diferença: o que podemos aprender em livros de literatura infantil contemporânea*. Anais do XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte, 2010.
- CIANNI, Solange. *O presente do pajé*. Ilustrações Laz Muniz. Juiz de Fora: Franco Editora, 2007.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2004.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n.º. 20, vol. 2, jul./dez. 1995, p. 184 – 206.
- FITTIPALDI, Ciça. *Subida pro céu: mitos dos índios bororo*. Texto e ilustrações Ciça Fittipaldi. São Paulo: Melhoramentos, 1986.
- GUARÁ, Wasiry. *O caso da cobra que foi pega pelos pés*. Ilustrações Ana Luiza Mello. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, s;d.
- GUIMARÃES, Marcia Meyer. *Curupira*. Belo Horizonte: Vigília, 1985.
- JEKUPÉ, Olívio. *Iarandu: o cão falante*. São Paulo: Peirópolis, 2002.
- KIEFER, Charles. *Você viu meu pai por aí?* Ilustrações Maurício Veneza. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KOWALCZYK, Marie-Thérèse (Maté). *O menino e o jacaré*. São Paulo: Brinque e Book, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.
- MACHADO, Ana Maria e CLAUDIUS. *Menino Poti*. 24ª impressão. Salamadra, s;d.
- MANDURUKU, Daniel. *Kabá Darebu*. Ilustrações Marie-Thérèse Kowalczyk. São Paulo: Brinque e Book, 2002.
- _____. *Caçadores de aventuras*. Ilustrações Inez Martins. São Paulo: Editora Caramelo, 2006.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n.º. 20, vol. 2, jul./dez. 1995, p. 71 – 99.
- TAVARES, Ulisses. *Aritana, o índio que foi a lua*. Ilustrações Victor Tavares. São Paulo: CDL, 2003.
- VITELLI, Celso. O corpo masculino como significação cultural. In: BONIN, Iara; RIPOLL, Daniela; KIRCHOF, Edgar R.; POOLI, João P. (Orgs.). *Cultura, identidade e formação de professores: perspectiva para a escola contemporânea*. Canoas, Editora da Ulbra, 2008.